

CICATRIZES E TRATAMENTOS QUASE SEMPRE PALIATIVOS: SOBRE ESPACIALIDADE DOCENTE, RISCOS E RESILIÊNCIAS

Felipe Costa Aguiar¹

Jeani Delgado Paschoal Moura²

RESUMO

Na sociedade de crises a profissão docente tem se mostrado como uma profissão sitiada, em risco constante. Neste trabalho situamos os riscos da profissão docente com base na geografia dos riscos e resiliência, pensando a experiência de risco e resiliência por meio da geografia fenomenológica. Temos como enfoque a experiência docente durante o auge da pandemia de covid-19. Com base em perguntas estruturadas e semiestruturadas realizamos um questionário on-line via Formulário Google, atingindo 66 professores participantes que colaboraram com nossa pesquisa expondo sua percepção dos riscos da profissão docente no referido período. Ao final, compreendemos que os tratamentos dados aos riscos da docência são quase sempre paliativos, o que caracteriza as cicatrizes da profissão como mal curadas, expostas ao risco constante de reabertura, ou seja, uma possibilidade iminente de ferir o profissional.

Palavras-chave: Professores de Geografia, Geografia escolar, Trabalho docente, Pandemia.

ABSTRACT

In a society of crises, the teaching profession has shown itself to be a profession under siege, at constant risk. In this work we situate the risks of the teaching profession based on the geography of risks and resilience, thinking about the experience of risk and resilience through phenomenological geography. We focus on the teaching experience during the height of the covid-19 pandemic. Based on structured and semi-structured questions, we carried out an online questionnaire via Google Form, reaching 66 participating teachers who collaborated with our research, exposing their perception of the risks of the teaching profession in that period. In the end, we understand that the treatments given to the risks of teaching are almost always palliative, which characterizes the scars of the profession as poorly healed, exposed to the constant risk of reopening, that is, an imminent possibility of harming the professional.

Keywords: Geography Teachers, School Geography, Teaching work, Pandemic.

INTRODUÇÃO

A sociedade ocidental tem sido caracterizada como uma sociedade de crises, em uma trama complexa de diversas precariedades e riscos que nos atravessam de diferentes formas e intensidades (Beck, 2010). Nesse contexto, a escola é um dos lugares nos quais as crises

¹ Doutorando em Geografia pelo curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, felipe.costa.aguiar@uel.br;

² Professora Orientadora: Doutora em Geografia, Universidade Estadual de Londrina - UEL, jeanimoura@uel.br.

contemporâneas se entrecruzam, fato que lança os docentes no cerne de um frenesi de tensões de ordem social, econômica, política e cultural (Esteve, 1994). Enquanto trabalhadores das escolas na sociedade de crises, os docentes enfrentam os riscos da profissão diariamente, representados pelas formas de precarização do trabalho docente, que são múltiplas e complexas (Paschoalino, 2009).

Diante disso, objetivamos ler as espacialidades docentes por meio da geografia dos riscos e resiliência, fundamentando nossa investigação na geografia fenomenológica. Essa abordagem possibilita a leitura de risco, resiliência e vulnerabilidade em consonância com o lugar, entendido como uma emergência fundante e fundamental do ser-no-mundo, ou seja, o próprio acontecer da existência (De Paula, 2017; Marandola Jr. 2009; 2021).

Nosso exercício de interpretação se concentra na pandemia de covid-19 (2020-2021) como um período de tempo em que a docência foi exposta a diferentes riscos, o que exigiu dos professores a resiliência como modo de subversão das situações de risco. Lançamos mão de um questionário on-line como método de coleta de dados, interpretando as respostas dos professores colaboradores por meio de quadros, para dados numéricos, e compreensão dos sentidos convergentes e divergentes, para os dados qualitativos.

Ao final, buscamos apontar como os desafios da profissão docente se transformam em cicatrizes mal curadas devido aos tratamentos quase sempre paliativos e pouco assertivos concedidos aos professores. Dentre eles, apontamos alguns exemplos, como a pandemia que intensificou a precarização docente que há anos assola os professores, as sequelas que a pandemia deixou na aprendizagem, no convívio social e na dinâmica do trabalho docente e, por fim, os riscos que surgiram nesses primeiros anos após a pandemia, os quais não devem sobrepor os problemas já mencionados, mas ser tratados de forma conjunta e interligada, em vez de isolada, para promover uma solução mais abrangente e efetiva dos problemas da docência.

METODOLOGIA

Para atender ao objetivo proposto, adotamos procedimentos metodológicos que nos permitissem realizar leituras da espacialidade docente considerando o período da pandemia 2020-2021, desvelando as espacialidades docentes por meio das cicatrizes deixadas por esses acontecimentos.

O primeiro procedimento metodológico consistiu na elaboração e compartilhamento de um Formulário Google com questões estruturadas e semiestruturadas (Marconi; Lakatos,



2001), visando compreender as percepções dos professores, seus conhecimentos e/ou opiniões sobre a pandemia da covid-19 (2020-2021) e seus efeitos práticos na vida dos estudantes, familiares e na sua própria vida. Isso inclui aspectos relacionados aos modos de sentir, de pensar, de aprender e de agir diante das adversidades do mundo atual.

Compartilhado nas redes sociais digitais, o questionário obteve 66 respostas. A interpretação das questões estruturadas foi realizada pela criação de quadros para organizar os dados numéricos e objetivos, enquanto as questões semiestruturadas foram interpretadas a partir da leitura e da identificação de convergências e divergências entre as respostas. As convergências e divergências identificadas nas respostas dos questionários, durante a pesquisa, possibilitaram uma abordagem da geografia dos riscos e resiliência, que é

[...] validada pela significação das experiências e vivências no/do espaço geográfico, como pontos de mediação entre os sujeitos e o seu ambiente, dando sentido à existência humana. Nesse aspecto, a abordagem do lugar se coloca como um eixo integrador do conhecimento, possibilitando uma análise integrada dos elementos físicos e sociais (Moura; Marandola Jr., 2016, p. 301).

Nessa perspectiva, a resiliência não pode ser confundida com a positividade tóxica, muito comum no mundo contemporâneo. Ela não é uma opção do docente que escolhe esquecer totalmente um trauma e superá-lo, até porque isso é impossível (Baron, 2005; Esteban, 2005). Assim como em De Paula (2017), a resiliência proposta aqui é do corpo-lugar, em nosso caso, tanto da escola quanto dos docentes. Isso retira a culpa das cicatrizes docentes das costas dos professores e a lança sobre o Estado, que deve encarar as crises da escola como crises da sociedade, tratando-as de modo efetivo, e não as abandonando ao cuidado dos docentes, também abandonados pelo poder público.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O formulário aplicado nos permitiu a coleta de dados quantitativos e qualitativos. Os dados quantitativos, organizados em quadros, possibilitaram uma primeira aproximação com a situação laboral dos professores colaboradores da pesquisa, como podemos observar a seguir.

Com base no Quadro 1 percebemos que os professores colaboradores da pesquisa possuem um perfil variado:



Quadro 1 - Formação dos professores colaboradores

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES COLABORADORES					
Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Pós-doc	PDE
9	35	15	7	3	2

Fonte: Organizado pelos autores, 2023.

Embora a maior parte dos professores (35) possua especialização como o nível mais elevado de formação acadêmica, constatamos que o número de mestres (15), doutores (7) e pós-doutores (3) é considerável, totalizando 25 professores que seguiram na pós-graduação. De antemão, podemos revelar que esse número é relevante para nossa pesquisa, pois indica que até mesmo os professores em graus mais elevados de formação sentiram-se expostos aos riscos da pandemia, situação que exploraremos mais adiante.

A caracterização da situação laboral dos professores nos permitiu aprofundar essa ponderação, sendo promovida por meio da identificação dos vínculos institucionais dos profissionais, dos níveis de ensino em que atuam e do tempo de atuação na docência. A seguir:

Quadro 2 - Caracterização da situação laboral

VÍNCULOS INSTITUCIONAIS						
Rede Pública - PR		Rede Privada - PR		Rede Pública - SP		Rede Privada - SP
32		8		24		7
NÍVEIS DE ENSINO						
ED. INF.	FUND 1	FUND 2	E.M	EJA	GRAD.	PÓS-GRAD
11	1	24	25	5	8	2
TEMPO DE ATUAÇÃO NA DOCÊNCIA						
Menos de 5 anos	5 a 10 anos	11 a 15 anos	16 a 20 anos	21 a 25 anos	26 a 30 anos	Mais de 30 anos
4	13	14	14	8	9	4

Fonte: Organizado pelos autores, 2023.

Com base na interpretação das 66 respostas que obtivemos, consideramos que os riscos da pandemia se fizeram presentes nas experiências de professores de diferentes níveis

de ensino, haja vista que nossos colaboradores atuavam desde a Educação Infantil até a Pós-graduação.

Podemos considerar que o tempo de atuação na docência é significativo, porém não foi determinante no aparecimento ou não dos riscos pandêmicos na vida dos professores. Como a caracterização da situação laboral dos profissionais nos mostra, professores de várias fases do ciclo da vida profissional participaram da pesquisa. Os riscos da pandemia fizeram-se presentes nas respostas dos profissionais mais jovens na docência até os mais antigos.

Os dados ainda nos mostram que a percepção de risco dos professores varia de acordo com as condições de trabalho nas quais atuaram. O isolamento social, estratégia coletiva e individual de mitigação do vírus, não foi vivido por todos os professores da mesma forma. Entre os 66 professores colaboradores, 10 não viveram o isolamento social, 20 o fizeram integralmente e 36 o realizaram parcialmente.

À percepção do risco, podemos acrescentar o fato de somente 32 das instituições que compõem os vínculos trabalhistas dos 66 colaboradores possuem planos de enfrentamento da pandemia. As outras 34 instituições mencionadas não possuíam esse preparo. A falta desse preparo se mostra nas práticas informativas das próprias instituições. Segundo os professores, 25 das instituições não disponibilizaram materiais informativos e educativos sobre a prevenção e controle da covid-19 aos estudantes, familiares e à comunidade em geral. Porém, 41 das instituições mencionadas o fizeram. Nesse sentido, uma ambiguidade aparece, isso é, por mais que algumas instituições não tenham elaborado planos de enfrentamento, ações menos sistematizadas foram tomadas.

Com a palavra, os professores expressaram como se sentiam em relação aos riscos:

Em risco. Somos obrigados a ir para a escola mesmo sem alunos. (PROFESSORA 1, 2021).

Estou de licença na rede municipal por ser grupo de risco e estando apenas presente na rede estadual, então relativamente meu trabalho está menor, porém aumentou as demandas em relação a rede estadual, estou tendo esse momento como descanso, pois minha vida é uma loucura, sinto pelas vidas perdidas como forma negativa, mas vejo individualmente o fato de poder estar em casa como positivo. (PROFESSORA 2, 2021).

Durante esse período tenho me sentido cada vez mais ansiosa e também apreensiva com o que nos espera no pós-pandemia. (PROFESSORA 25, 2021).

Os professores sentiam-se em constante risco, não apenas devido ao possível contágio iminente da Covid-19, mas também pelos afetos que foram mobilizados por toda a condição da pandemia. Essa situação foi dinamizada, sobretudo, pelos afetos, como o medo de sair de casa ou o sentimento de segurança ao permanecer em um ambiente seguro; ambos os afetos

fizeram parte do frenesi de sentimentos que tomou conta dos nossos corpos durante esse período. Nota-se o impacto psicológico contínuo como uma marca deixada pela pandemia, mesmo passado o período mais agudo da crise sanitária.

As narrativas mostram reações emocionais face à incerteza sobre o futuro. Todos os professores relataram estar cansados, quando não estressados, ansiosos e inseguros, sendo esses afetos influenciados pelo modo como o trabalho docente foi organizado durante a pandemia.

Ao serem questionados sobre as maiores dificuldades enfrentadas na atividade docente durante esse período, os professores costuraram esses afetos às dinâmicas laborais:

Estressante, vivemos com receio de contrair o vírus no ambiente de trabalho e as demandas burocráticas triplicaram. (Professora 3, 2021).

Estou tendo de ir a escola preparar aula, não foi aceito fazer home office, estou trabalhando o dobro do que o presencial (Professora 9, 2021).

Há muitas diferenças no exercício em tempos normais e durante a pandemia, as aulas remotas estão sendo o epicentro do estresse. Estamos sobrecarregados com as aulas remotas, pois os horários regulares não são respeitados, temos estar no horário de trabalho disponíveis nas plataformas oficiais (Google Classroom), postando e corrigindo atividades, preparando outras que se adequam a realidade da turma, e em horários paralelos estabelecemos o contato com os alunos e pais, pois muitos só conseguem ter acesso às aulas remotas em outros horários. O Governo não considera essa sobrecarga e a cada dia, cria uma ferramenta a mais para somar com tudo o que já estamos fazendo. Sem falar que o modelo implantado não alcança 100% dos alunos (na realidade houve uma redução massiva de acesso no segundo semestre) e para forjar números, o governo divulga que quase 90% dos alunos estão acessando, enquanto isso instaura uma cobrança sobre as equipes pedagógicas e professores para o resgate desses alunos, e não considera que a evasão se dá pela falta de recursos para acesso. (Professora 28, 2021).

O trabalho docente não remunerado e precarizado já ocorria antes da pandemia, mas fora intensificado com a situação pandêmica. Esses fatores foram de relevância na experiência docente durante a pandemia, uma vez que professores de diferentes idades, níveis de ensino e graus de formação alegaram sentir-se exaustos, cansados e com medo. Esses afetos não estão relacionados apenas ao tempo de carreira, tampouco ao nível de instrução, mas são representações da precarização do trabalho que atravessa a docência em diferentes contextos. Como Santos (2020, p. 22) escreveu:

Por um lado, ao contrário do que é veiculado pelos media e pelas organizações internacionais, a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais



invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele” (Santos, 2020, p. 22).

É necessário frisar que os professores indicaram problemas relacionados às dificuldades de aprendizagem dos estudantes, incluindo defasagem nos conteúdos disciplinares e complicações nas relações interpessoais. O relacionamento entre os próprios estudantes e também com os professores foi indicado como um ponto de preocupação:

Minha maior dificuldade é a falta de acesso dos alunos à internet e a falta de envolvimento de alguns deles. (Professora 64, 2021).

Conseguir dar atenção a todos meus alunos. Sabendo que muitos estão com problemas emocionais, tento sempre enviar mensagens de estímulo.

Hoje em dia é conseguir instigar os alunos a aprenderem a matéria, pois pelo computador é muito mais difícil prender a atenção deles e motivá-los também. Agora tenho proposto mais atividades práticas, como maquetes, e atividades em que eles participem integralmente da aula para que se sintam mais interessados.

O mais difícil tem sido conciliar a relação casa-trabalho, pois estando em casa estamos diretamente condicionados as tarefas corriqueiras do dia a dia mais as atividades docentes que requerem tempo, quando saímos de nossas casas para o trabalho a questão é outra. Outro aspecto bastante problemático envolve a relação professor-aluno, o contato é feito on-line e muitos alunos não possuem as ferramentas tecnológicas necessárias para tal contato com o professor, logo muitos alunos acabam ficando à deriva do processo de aprendizagem, acentuando ainda mais as desigualdades sociais.

Apesar da maioria dos professores respondentes acreditar que a gestão dos riscos na pandemia foi ruim, inclusive declarando a falta de planejamento de algumas instituições para mitigar a doença, os colaboradores manifestaram insegurança em relação ao retorno ao ensino presencial. Parte desses profissionais negaram a possibilidade de participar de formações continuadas sobre riscos e resiliência. Mais uma vez, o cansaço e o estresse surgiram nos relatos:

No momento estou sobrecarregado de atividades. (Professora 65, 2021).

Infelizmente no momento não consigo participar, pois embora tenha 20 horas no período matutino, acabo trabalhando à noite para atender toda a demanda da Rede Estadual, pois à tarde estou na SME. (Professora 64, 2021).

Adoraria, mas não tenho tempo. Estou com muitas atividades. (Professora 63, 2021).

Não. Resiliência deveriam ter os governantes para não autorizar estes absurdos. Curso de resiliência para quem é injustiçado é crueldade, é uma forma de não mudar o que está errado. (Professora 53, 2021).

Assim como em Esteve (1994) e Paschoalino (2009), percebemos que o mal-estar que permeia as escolas advém das crises de várias ordens que assolam a sociedade como um todo, sendo a escola o lugar de encontro de todas as precariedades do mundo contemporâneo. Isso transforma esse lugar em um campo de batalha, literalmente, onde as precariedades são jogadas nas mãos dos professores como granadas sem pino, prestes a estourar.

O exercício de leitura dos riscos enfrentados pelos professores mostrou uma abordagem frequentemente paliativa, centrada em lidar com problemas específicos de maneira isolada, o que contribui para a intensificação das dificuldades ao longo do tempo.

A transformação desse cenário demanda uma visão mais abrangente, considerando a complexidade do ambiente escolar e os riscos inerentes à prática docente. O período pós-pandemia, com suas sequelas para docentes e estudantes, mostra a importância de compreender as experiências subsequentes e adaptar-se às mudanças e desafios emergentes.

Em conjunto, as narrativas evidenciaram as múltiplas camadas de desafios enfrentados pelos professores durante o ensino remoto, desde questões práticas até aspectos emocionais e sociais. As tensões enfrentadas durante a pandemia se desdobraram após essa crise sanitária, sinalizando para os desafios referentes às mudanças significativas nas condições de trabalho e ressaltando a necessidade de abordagens e estratégias inovadoras para enfrentar os desafios do ensino no período pós-pandemia.

Diante da situação da docência, tanto na pandemia quanto no pós-pandemia, a resiliência emerge como uma ferramenta vital para que os professores enfrentem os diferentes obstáculos. No entanto, a ausência de ações governamentais eficazes diante dos problemas da profissão coloca em dúvida a efetividade do sistema educacional como um todo. Assim, torna-se essencial buscar soluções integradoras e estratégias que não apenas aliviem os sintomas, mas promovam mudanças estruturais significativas, visando uma educação verdadeiramente eficaz e benéfica para todos os envolvidos.

Isso nos faz pensar que a resiliência, nesses casos, não se dará de modo técnico e teórico, mas sim à base da criatividade e do improviso cotidiano, de modo que o tato docente indique aos professores possíveis tratamentos para os riscos que estão enfrentando.

Essa resiliência é aberta, verdadeiramente uma condição de possibilidade, e não fechada como um manual etapista de como lidar com os riscos. Enquanto espaço essencial de atuação docente, a sala de aula é um dos lugares de encontro e sociabilidade entre docentes e discentes. Nesse lugar, há potência e espaço para a resiliência emergir. Diante disso, algumas indagações nos fizeram pensar em caminhos futuros: “As salas de aula são os lugares de

tratamento para os riscos da profissão docente?” e “Há outros lugares onde podemos tratar as cicatrizes da profissão?”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os riscos da docência se mostraram quase sempre tratados de forma paliativa, ou seja, os modos de tratamento dessas formas de sofrimento têm sido trabalhados de forma pouco abrangente, o que os faz abordar questões pontuais e isoladas, e não de modo complexo e integrado, rasgando as cicatrizes da profissão ao longo do tempo, tornando-as verdadeiras quizilas.

Como o tratamento a essas cicatrizes pode deixar de ser paliativo? No caso do enfoque que lançamos sobre as crises da profissão e a espacialidade docente, é preciso fazer algumas considerações. Primeiro, é preciso que os cuidados levem em conta a complexidade que compõe a espacialidade dos professores e os riscos da profissão que emergem nos espaços escolares.

É impossível tratar das cicatrizes emergentes no período pós-pandemia (2022-2023) sem pensarmos as experiências posteriores a essas, haja vista que muitos sofrimentos, tanto de docentes quanto de discentes, são sequelas deixadas pela pandemia. Nesse caso, os riscos da pandemia se transformam, se modificam, se adequam, se desestabilizam e se perpetuam no tempo, arrastando-se para além do que deveriam, ou para além do tempo que suportamos.

Portanto, a resiliência surge como a possibilidade de compreender como os professores conseguem resistir e se recompor diante de tantos riscos que têm assolado a profissão. Imersos no clima organizacional de mal-estar e inúmeras crises, os docentes se valem das ferramentas e táticas que conseguem para lidar com os sofrimentos da profissão. É o que lhes resta diante da falta de ações do Estado perante os males da profissão, que não são apenas prejudiciais aos docentes, mas a educação em si mesma.

Diante do exposto, uma resposta efetiva às crises do trabalho docente não apenas melhora as condições de trabalho dos professores, mas também contribui para um ambiente educacional mais saudável e produtivo. A reflexão e a ação voltadas para as questões enfrentadas pelos profissionais da educação, que neste trabalho foram brevemente abordadas, são cruciais para assegurar uma educação eficaz e de qualidade.

Estabelece-se, assim, uma pergunta que nos faz concluir este escrito e refletir sobre trabalhos futuros: é possível pensar a eficácia da educação escolar se não agirmos

efetivamente no tocante às crises do trabalho docente? Sem uma ação efetiva e integradora, as cicatrizes da profissão continuarão mal curadas, fazendo-se feridas abertas da profissão, verdadeiras gangrenas, que só pioram com o tempo.

REFERÊNCIAS

- BARON, S. C. Relações de ensino: territórios de potência e marcas de resiliência. In: GARCIA, R.L.; SERRALHEIRO, J. P. (Org.). **Afinal onde está a escola?** Porto: Profedições, 2005, v. 1, p. 151-166.
- BECK, U. **Sociedade de risco**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DE PAULA, F. C. Resiliência encarnada do lugar: vivência do desmonte na Linha (Brasil) e em Mourenx (França). 2017. **Tese** (Doutorado em Geografia) –Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**. 3. ed. Barcelona: Paidós, 1994.
- ESTEBAN, M. T. Na contramão da resiliência? In: GARCIA, R. L.; SERRALHEIRO, J. P. (Org.). **Afinal, onde está a escola?** Porto: Profedições, 2005, v., p. 167-186.
- MARANDOLA JR., E. Tangenciando a vulnerabilidade. In: MARANDOLA JR. E.; HOGAN, D. (Orgs.). **População e mudança climática: dimensões humanas das mudanças ambientais globais**. Campinas: NEPO/Unicamp, 2009.
- MARANDOLA JR., E. **Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, v. 6, 2001.
- MOURA, J. D. P.; MARANDOLA JR. E. J. A Geografia dos riscos nos cenários da prática docente: limites e potencialidades para a educação geográfica. **Geografia** (Rio Claro. Online), v. 41, p. 297-312, 2016.
- PASCHOALINO, J. B. de Q. **O professor desencantado: matizes do trabalho docente**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2009.
- SOUSA SANTOS, B. **A cruel pedagogia do vírus**. Boitempo Editorial, 2020.